



## ROMANCES AMATÓRIOS: LITERATURA E SUICÍDIO NA BAHIA NOS MEADOS DO SÉCULO XIX\*

Jackson Ferreira\*\*

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

[ferreira.jackson@hotmail.com](mailto:ferreira.jackson@hotmail.com)

**RESUMO:** Este texto se propõe a analisar algumas representações acerca do suicídio na literatura baiana dos meados do século XIX e verificar quais as relações entre elas e os ideais românticos. As fontes utilizadas foram folhetins e poesias publicadas por autores baianos que direto e indiretamente tratam do assunto. Segundo concepções vigentes no período, o suicídio era um dos maiores pecados da humanidade. Atentado não apenas contra Deus, mas também contra a família e a sociedade. Relacionar o amor ao suicídio foi uma estratégia usada por alguns escritores baianos para criticar as transformações pelas quais a sociedade vinha passando.

**PALAVRAS-CHAVES:** Representações Culturais – Literatura e Suicídio

**ABSTRACT:** This text aims at analyzing some representations upon the literary works in the half of XIX century in Bahia and verifies which are the relationships amongst them and also which are the romantic ideals. The sources used here were newspaper and poems by authors from Bahia who, in a way or in another, deals with this matter. In accordance with the conceptions of that time, the suicide was one of the greatest human sins. It was seen a crime not just against God, but also against family and society. One strategy used by some writers in Bahia was to relate love to suicide in order to criticize the changes that society had gone through.

**KEYWORDS:** Cultural Representations – Literature and Suicide

O presente trabalho pretende analisar algumas representações sobre o suicídio nas produções literárias baianas dos meados do século XIX. Para isto, selecionei alguns documentos em prosa e versos que acredito permitir alcançar o fim desejado por sugerirem indícios de suicídio ou mesmo circunstâncias propícias à ocorrência do

---

\* Este texto é uma versão modificada e com acréscimos de parte do primeiro capítulo, “Visões do suicídio na Bahia oitocentista”, da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social/UFBA, intitulada **Loucos e pecadores: suicídio na Bahia do século XIX**, defendida em 9 de junho de 2004.

\*\* Possui graduação em História pela UFBA, Mestrado em História Social pela mesma instituição. Atualmente é professor e coordenador do curso de Licenciatura de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV – Jacobina e do Núcleo de Estudos Orais, Memória e Iconografia – NEO, na mesma unidade de ensino.

fenômeno. Buscando um melhor entendimento do tema, utilizarei comentários de contemporâneos veiculados na imprensa baiana sobre o assunto, assim como alguns casos de indivíduos que puseram fim à própria vida. Devido à subjetividade do tema, algumas das análises estarão repletas de dúvidas. Antes de entrar no objetivo do texto, cabem breves comentários sobre o suicídio em sua perspectiva histórica para facilitar a compreensão das análises que se seguirão.

Condenada nas sociedades de tradição judaico-cristã, o suicídio ainda hoje é um tabu em muitas culturas. As atitudes tomadas em relação a este tipo de morte ficaram, muitas vezes, a cargo dos poderes religiosos e moralistas, sendo ditadas sanções que não apenas objetivavam inibir a sua incidência, mas principalmente punir o praticante, sua alma e sua descendência. Na Europa medieval, por exemplo, costumava-se castigar o suicida arrastando o seu cadáver com o rosto voltado para o chão. Procedimentos foram elaborados por meio de alguns concílios com a intenção de reduzi-los, destacando-se o de Arles (452), que condenou o suicídio de escravos e servos, considerando-o como prova da ação demoníaca; o de Braga (563), que proíbe a realização de cerimônias cristãs para os suicidas; e o de Nîmes (1284), por ser o primeiro a proibir expressamente a concessão de sepulturas eclesiásticas aos suicidas.<sup>1</sup>

Erwin Stengel, em seu livro **Suicídio e tentativa de suicídio**, afirma que muitas dessas atitudes podem ser tomadas como rituais purificadores característicos de sociedades ditas primitivas. Estas práticas teriam como função primordial evitar o regresso do morto e sua interferência no mundo dos vivos. Stengel cita como exemplo de culturas onde se podiam encontrar essas concepções algumas sociedades africanas no Quênia, Nigéria e Uganda, provavelmente nos meados do século XX, onde o suicídio era considerado um mal e o contato físico com o corpo do suicida algo extremamente perigoso e proibido.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> MINOIS, Georges. **História do suicídio**: a sociedade acidental perante a morte voluntária. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1998; ALVAREZ, Alfred. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Cia. das Letras, 1999; e, DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Tópicos).

<sup>2</sup> STENGEL, Erwin. **Suicídio e tentativa de suicídio**. Tradução de Álvaro de Figueiredo. Lisboa: Dom Quixote, 1980, p. 63. (Coleção Universidade Moderna). Sobre algumas concepções nas culturas africanas ver OLOMOLA, Isola. Suicide in yoruba culture. **Revista de Estudos Africanos da USP**, São Paulo, n. 10, 1997. Para um maior aprofundamento sobre o tem verificar também: RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

As punições cristãs foram reafirmadas no Brasil em 1707 nas **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia** por dom Sebastião Monteiro da Vide. De acordo com essas **Constituições**, blasfemos, excomungados, infiéis, judeus, cismáticos, apóstatas, ladrões, violadores da Igreja, e aqueles “que estando em seu juízo perfeito por desesperação, ou ira voluntariamente se mataram, ou mandaram matar, morrendo também sem sinais de arrependimento” não teriam direito de receber sepulturas sagradas.<sup>3</sup> Esta determinação freqüentemente era desobedecida, o que fez o frei Mariano, cujos dados biográficos falarei mais adiante, afirmar que por aqui a lei estava sendo desprezada “por ambição ou comisseração”, e que suicidas estavam sendo “enterrados no meio dos templos com todas as pompas fúnebres e honras que a Igreja nega à quem desvairado” ia contra os mandamentos divinos.<sup>4</sup>

Também aqui, animalizar, demonizar e ferocizar o suicida eram procedimentos bastante utilizados, como demonstram os artigos que encontrei localizados nos periódicos baianos, cuja intenção era claramente desqualificar e desvalorizar ainda mais o ato e seus adeptos. Sobre isto, José Carlos Rodrigues afirma que todo homem desvalorizado e que não é plenamente reconhecido como homem, não tinha direito à sobrevivência – principalmente a moral –, inserindo nesta categoria os suicidas.<sup>5</sup> Assim, as ações cristãs contrárias ao suicídio podem ser tomadas como atitudes de um poder que não quer ser desafiado. O suicídio seria assim um contra-poder a desafiar o poder.

Na Bahia, na segunda metade do século XIX, a prática do suicídio foi comum a todos os setores sociais, independente da etnia e do sexo. Em pesquisa realizada nos arquivos baianos consegui localizar mais de 500 registros de suicídio entre os anos de 1850-1888, alguns dos quais não passaram de tentativas. Os documentos encontrados permitiram traçar o perfil dos praticantes, o que foi feito por meio de cruzamentos de diversas variáveis, entre as quais, “origem” da vítima, “método” empregado, “motivo” alegado, “sexo” e “condição social”. O Recôncavo baiano, espaço em que dediquei maior atenção, em função da maior incidência de casos e da maior homogeneidade sociocultural, apresentou 454 registros, sendo que em 389 foi possível ter informações

---

<sup>3</sup> VIDE, Dom Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**. São Paulo: Typographia, p. 287-303. 2 de Dezembro, 1853. (Impressas em Lisboa no anno de 1719, e em Coimbra em 1720 com todas as Licenças necessárias, e foi reimpressa nesta Capital)

<sup>4</sup> APEB (Arquivo Público da Bahia) – Microfilmes; **O Noticiador Catholico**, 10 de março de 1849.

<sup>5</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, p. 102.

sobre a condição social da vítima, ficando assim representados: 183 (47%) escravos, 176 (44,3%) livres e 30 (7,7%) libertos. Tomando por base o resultado do ato suicida, verificamos que em 69,4% dos casos ocorreu a morte da vítima, contra 30,6% de tentativas. Entre os primeiros 50,4% foram praticados por escravos, 42,2% por livres e 7,4% por libertos. Já em relação às tentativas, 52,1% ocorrerem entre os livres, 39,5% e 8,4% entre escravos e libertos, respectivamente. Estes e outros números nos levaram a pensar em uma maior eficácia dos métodos usados pelos escravos. Os números mostram também que os homens lideram as estatísticas com 364 registros, contra 90 para as mulheres.<sup>6</sup>

Os relatos de suicídios – muitos deles fornecem detalhes sobre cotidiano da vítima – são fontes importantes para a compreensão do tema. Tão importantes quanto os relatos são as produções literárias baianas, especialmente aquelas produzidas durante a vigência do Romantismo, e que direta ou indiretamente foram por ele influenciado.<sup>7</sup> O Romantismo floresceu no Brasil em meados do século XIX como um dos movimentos artísticos e literários mais expressivos do período. Tendo emergido no século XVIII na Europa, esse movimento representou certa ruptura com a estética e os conceitos do Classicismo. Colocando em xeque o poder absoluto da razão, os românticos viram no desejo e no direito do artista de responder ao apelo dos seus sentimentos e de seguir as tendências individuais, uma das principais características do homem moderno. Estas características estavam ligadas à sociedade liberal e à burguesia. Seu surgimento coincidiu com os efeitos produzidos pela Revolução Francesa, cujos ideais circulavam por várias partes do mundo. Entretanto, para Maria Lúcia Dias Mendes

Os românticos não foram os primeiros a assumir uma atitude crítica em relação aos seus antecedentes históricos, rejeitando padrões tradicionais de cultura, buscando novas maneiras de exprimir sua própria concepção de vida. Mas nenhuma outra geração fez dessa preocupação um problema: propunham a pensar o significado da *raison d'être* da sua própria cultura, viam-se como herdeiros e

---

<sup>6</sup> FERREIRA, Jackson. 'Por hoje se acaba a lida': suicídio escravo na Bahia (1850-1888). **Revista Afro-Ásia**, Salvador, n. 31, p. 197-234, 2004. O perfil dos suicidas – escravos, livres e libertos – foi discutido no segundo capítulo da dissertação, cujo título é “Ao correr do tempo: natureza e frequência dos suicídios, e perfil dos praticantes”.

<sup>7</sup> Vale à pena salientar que não é nossa intenção aqui, e também não foi na dissertação que desenvolvemos, investigar como outros movimentos literários trataram o tema em questão. Optamos pelo Romantismo devido a sua grande inserção na sociedade oitocentista, por ele ter características propícias para nossa análise, como verificaremos mais adiante.

descendentes de épocas anteriores, procuravam rememorá-las, como um passado vivo.<sup>8</sup>

O Romantismo assumiu feições particulares em diferentes lugares. Segundo Arnold Hauser, ele foi ao mesmo tempo revolucionário e anti-revolucionário, progressista e reacionário, oscilando conforme as circunstâncias.<sup>9</sup> Ainda para esse autor, o Romantismo foi um movimento que tinha consciência de seu caráter transitório e historicamente ambíguo. Buscava o passado, mas também o futuro, sendo o tempo presente fonte de constante temor, fruto de uma sociedade infeliz, onde a sensação de despatriamento e de solidão foram sentimentos experimentados por aquela geração, traduzindo-se em diversas tentativas de fuga: “[...] para a utopia e o conto de fadas, para o inconsciente e o fantástico, o espectral e o misterioso, para a idade infantil e o estado de natureza, para os sonhos e a loucura”.<sup>10</sup> Tudo isso eram expedientes na busca de uma vida livre de sofrimentos, de uma irresponsabilidade e ao mesmo tempo sinônimo de frustração com o presente. O inatingível, a infinitude e o desejo de dominar o desconhecido, tornando-o inofensivo, também estiveram presentes, assim como a busca pelo amor, pela fraternidade e pela amizade.

Da mesma forma que na Europa, no Brasil o Romantismo apresentou este traço de ambigüidade, fruto de uma sociedade ainda em formação e que buscava a sua afirmação enquanto nação. Uma sociedade onde os meios urbanos ganhavam espaço em relação ao mundo rural então predominante. Sociedade em transformação, com uma forte ligação com o passado e uma incerteza quanto ao futuro. Para Nelson Werneck Sodré, as alterações ocorridas na sociedade brasileira encontrariam acolhidas nos ideais românticos. Tais mudanças denunciavam-se no quadro da vida urbana, para onde afluíam ou onde se constituíam novos grupos sociais, a exemplo de empregados de comércio, políticos, artistas, escritores, médicos, advogados e funcionários públicos.<sup>11</sup>

Eram justamente nas cidades que circulavam aqueles que seriam os maiores divulgadores de idéias, os jornais. Foi ainda nos centros urbanos que estudantes e

---

<sup>8</sup> MENDES, Maria Lúcia Dias. A História na visão de Alexandre Dumas. *Alea*, v.6, n. 1, p. 67-79 Jan./Jun. 2004.

<sup>9</sup> HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. Tradução de Walter H. Geener. São Paulo: Mestre Jou, 1972, p. 818. Tomo II

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 828.

<sup>11</sup> Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

mulheres ganhariam certa liberdade e se tornariam cruciais para o desenvolvimento literário no Brasil, uma vez que seu público se constituía basicamente desses dois elementos. Os estudantes freqüentavam o círculo das faculdades de Direito de Recife e São Paulo e de Medicina do Rio de Janeiro e Salvador, onde passaram a receber informações que modificariam parte de suas concepções de mundo. Em relação às mulheres, parte das transformações por elas sofridas estava ligada a um novo modelo de educação que passou a ser exigido para que pudessem receber convidados em casa e conviver socialmente na rua e nos salões. Dessa forma, a vida urbana contribuiu para o afrouxamento dos velhos laços familiares e patriarcais, abrindo novas perspectivas para as moças e para os rapazes, surgindo uma relativa liberdade de escolha quanto aos parceiros e ao rumo que tomariam na vida.<sup>12</sup>

A manifestação dos sentimentos individuais no Brasil ganharia espaço junto a esses dois setores. O anseio por liberdade entrava na ordem do dia, e conflitava com os ideais paternalistas, ainda bastante representativos.<sup>13</sup> Apesar do Rio de Janeiro constituir o principal centro urbano e onde o Romantismo mais floresceu, Salvador, como segundo núcleo, não ficou sem experimentar as leituras românticas, assim como de outros movimentos literários. Como afirma David Salles, tal como o Rio, a capital da província da Bahia possuía “uma elite bem-educada – que formava, enfim, um público – , pela atividade intelectual sobretudo dos membros docentes e discentes da Faculdade de Medicina”.<sup>14</sup> Assim, Salvador não ficou incólume às transformações literárias, havendo

---

<sup>12</sup> As transformações ocorridas nas relações interpessoais durante o século XIX podem ser observadas também na arquitetura residencial. A introdução de corredores, por exemplo, além de facilitar a comunicação entre os cômodos, reduziria os contatos entre as pessoas no interior da casa, favorecendo assim a privacidade. ARAÚJO, Anete Regis Castro de. **Espaço privado moderno e relações sociais de gênero em Salvador: 1930-1949**. 2003. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. f. 58-139; f 204-205. Ver também REIS, Adriana Dantas. **Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX**. Salvador: FCJA, Centro de Estudos Baianos da Ufba, 2000. n. 147; e FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global: 2003.

<sup>13</sup> Segundo Sidney Chalhoub, o conceito convencional de paternalismo acredita ser ele “uma política de dominação na qual a vontade senhorial é inviolável, e na qual os trabalhadores e os subordinados em geral só podem se posicionar como dependentes em relação a essa vontade soberana”. Concordamos com Chalhoub, para o qual “a vigência de uma ideologia paternalista não significa a inexistência de solidariedades horizontais, e por conseguinte, de antagonismo social.” Subordinação não significa passividade. CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 46-47. Para este novo conceito de paternalismo ver, principalmente, THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

<sup>14</sup> SALLES, David. **Primeiras manifestações da ficção na Bahia**. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 9.



produções dessa natureza em todas as décadas do século XIX, muito se publicando, também, de ficções estrangeiras em livros e folhetins.

Os folhetins, publicações veiculadas aos jornais, foram os grandes divulgadores no Brasil das formas literárias ficcionais. Este tipo de literatura era direcionado principalmente ao público feminino. Em 1850, por exemplo, o periódico baiano **A Época Literária** reforçaria esta concepção defendendo e reivindicando a existência de seções dedicadas aos folhetins, argumentando ser eles preferidos pelas mulheres que em sua maioria eram “pouco dadas às políticas, ciências, belas letras e arte”.<sup>15</sup> Apesar de falar do público feminino de forma generalizada e de reforçar o lugar social da mulher naquela sociedade, já que deixa implícito que a política não era coisa para aquele sexo, o periódico estava se referindo às senhoras e às moças das camadas mais favorecidas economicamente e que podiam dedicar seu tempo a leituras e bordados.<sup>16</sup> Neste período estava se iniciando na capital da província da Bahia um forte processo de sociabilização que afetaria substancialmente parte do público feminino.<sup>17</sup>

Analisando as produções literárias baianas publicadas nos jornais entre as décadas de 1840 e 1850, Salles as divide em duas correntes. A primeira caracteriza-se por simular a vida e salientar seus mistérios. O enredo se desenvolve por intermédio do improviso, predominando a narração encadeada, sempre comentada e sublinhada por máximas morais, expressas em grande medida pelo final trágico de algum personagem, normalmente da heroína ou alguém de sua família. A segunda, influenciada em certa medida pelo teatro, apresenta o ponto de vista do narrador, claramente situado na perspectiva do jovem, com um tom satírico e uma atitude crítica. A marcação do tempo é mais lenta, havendo um abundante uso de diálogo.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> SALLES, David. **Primeiras manifestações da ficção na Bahia**. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 12.

<sup>16</sup> Sobre as atividades exercidas por outras mulheres baianas indico: SOARES, Cecília Moreira. A negra de rua, outros conflitos. In: SARDERBERG, Cecília M. B. et al. (Orgs.). **Fazendo gênero na historiografia baiana**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001; e, FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Quem pariu e bate, que balance! mundos femininos, maternidade e pobreza**: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB, 2003.

<sup>17</sup> Sobre o processo de socialização feminina na Bahia ver REIS, Adriana Dantas. **Cora**: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX. Salvador, FCJA, Centro de Estudos Baianos da Ufba, 2000, n. 147.

<sup>18</sup> SALLES, David. **Primeiras manifestações da ficção na Bahia**. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 17-31.

Alguns autores afirmaram que na Bahia não houve o Romantismo, sendo Castro Alves mais influenciado por Recife e Rio de Janeiro.<sup>19</sup> Esta afirmação deve ser ponderada, visto que o clima de pessimismo, sentimentalismo e reflexões sobre o amor e a morte, e mais do que isso, sobre a própria morte, características da chamada Geração Ultra-Romântica, estiveram presentes nas penas de Junqueira Freire e de outros escritores.

Nascido em Salvador em 1832, Luiz José Junqueira Freire expressou em muito de seus poemas uma reflexão extremamente pessimista da vida e uma forte atração pela morte. Seus versos são cheios de amarguras e desencantos em razão dos rumos que dera a sua vida. A decisão de se enclausurar em um mosteiro, tornando-se monge, muito influenciou no tom melancólico de sua produção, marcada também por desejos reprimidos. Suas poesias são marcas de um tempo, e expressa não apenas os seus sentimentos, mas os de outros indivíduos, seus contemporâneos.

O poema “Morte” é um exemplo da angústia pela qual passava nosso poeta. Nele lêem-se versos que clamam pela destruição da própria vida:

Pensamento gentil de paz eterna,/Amiga morte, vem. Tu és o termo/De dois fantasmas que a existência formam,/Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna, /Amiga morte, vem. Tu és o nada,/Tu és a ausência das moções da vida./Do prazer que nos custa a dor passada.

Pensamento gentil de paz eterna, /Amiga morte, vem. Tu és apenas/A visão mais real das que nos cercam,/Que nos extingues as visões terrenas.

[...]

Amei-te sempre: – e pertencer-te quero/Para sempre também, amiga morte./Quero o chão, quero a terra, – esse elemento;/Que não se sente dos vaivens da sorte.

Para tua hecatombe de um segundo/Não falta alguém? – Preenche-a tu comigo./Leva-se à região da paz horrenda,/Leva-me ao nada, leva-me contigo.

[...]

Não achei na terra amores/Que merecessem os meus/Não tenho um ente no mundo/A quem diga o meu – adeus.

Não posso da vida à campa/Transportar uma saudade./Cerro meus olhos contente/Sem um ai de ansiedade.

Por isso, ó morte, eu amo-te, e não temo:/Por isso, ó morte, eu quero-te comigo./Leva-me à região da paz horrenda,/Leva-me ao nada, leva-me contigo.<sup>20</sup>

O poema acima é bem explícito do que falamos anteriormente sobre a atração de Junqueira Freire pela morte. Tais sentimentos chegavam ao ponto de podê-los sintetizar de forma bem clara na quarta e na última estrofe: “Amei-te sempre: – e pertencer-te quero”, “amo-te, e não temo”, “quero-te comigo”.

<sup>19</sup> CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Livraria Martins Editores, 1964, p. 155. v. 2

<sup>20</sup> DÓRIA, Franklin. **Obras póstumas de L. J. Junqueira Freire**. 4 ed. Rio de Janeiro: H Garnier/Liveiro-Editor, 1868, p. 130-132. Tomo II.



Há ainda neste poema algo bastante curioso que remete ao tema central do texto. Mais do que qualquer outra forma de morrer, a sexta estrofe da citação é uma pista que faz pensar que o poeta poderia estar se referindo ao suicídio. Esta hipótese se encontra respaldada em alguns artigos publicados nos periódicos da época, a grande maioria com fortes tendências moralistas e religiosas. De acordo com estes discursos, o argumento de que “não tenho um ente no mundo a quem diga o meu – adeus”, não tinha respaldo, pois ninguém teria o direito de se matar achando que já tinha cumprido o seu dever para com a sociedade ou por pensar que não faria falta a outrens. Este ponto de vista foi defendido pelo conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos no texto reproduzido no jornal **A Marmota Fluminense**, em 1854: “não se diga: Eu já paguei minha vida à sociedade, nos trabalhos que empreendi e executei por ela; porque esta dívida é muito avultada, não pode ser paga senão pelo emprego de toda a nossa vida; e quem se priva de uma parte desta, deixa de pagar uma parte daquela”.<sup>21</sup> Para os moralistas esta decisão caberia apenas a Deus, já que a vida somente a ele pertenceria.

O poema mencionado acima não foi o único em que Junqueira Freire esboçou suas melancolias. Em “Desejo” sua obsessão pela morte está ainda mais presente: “Eu – que tenho arrostado imensas mortes,/E que pareço eterno;/Eu quero de uma vez morrer pra sempre,/Entrar por fim no inferno!”.<sup>22</sup> Se o desejo do poeta era realmente entrar no Inferno, o que também foi sugerido no poema anterior, “leva-me à região da paz horrenda”, o suicido era um dos caminhos mais curtos segundo a concepção judaico-cristã. Para esta concepção o Inferno era um lugar real, um abismo abrasador, onde os tormentos e os remorsos tornavam-se infundáveis. Dante Alighieri, em **A divina comédia**, reservou o sétimo círculo do Inferno aos suicidas, que lá se transformavam em árvores.<sup>23</sup> A infelicidade está ainda expressa em **O arranco da morte**, onde os dias se tornam fatídicos e melancólicos, um prenúncio da morte aspirada:

Pesa-me a vida já. Força de bronze/Os desmaiados braços me perdura./Ah! já não pode o espírito cansado/Sustentar a matéria.  
Eu morro, eu morro. A matutina brisa/Já não me arranca um riso. A rósea tarde/Já não me doura as descoradas faces/Que gélidas se encovam.

<sup>21</sup> APEB – Microfilmes. **A Marmota Fluminense**, 29 de agosto de 1854.

<sup>22</sup> DÓRIA, Franklin. **Obras póstumas de L. J. Junqueira Freira**. 4 ed. Rio de Janeiro: H Garnier/Livro-Editor, 1868, p. 126-127. Tomo II.

<sup>23</sup> ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de Fábio M. Albert. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p. 58.

O noturno crepúsculo caindo/Só não me lembra o escurecido  
bosque,/Onde me espera, a meditar prazeres,/A bela que eu amava.  
A meia-noite já não traz-me em sonhos/As formas dela – desejosa e  
lânguida – /Ao pé do leito, recostada em cheio/Sobre meus braços  
ávidos.  
A cada instante o coração vencido/Diminui um palpito; o sangue, o  
sangue,/Que nas artérias fêrido corria,/Arroxase e congela.[...].<sup>24</sup>

Para Junqueira Freire a morte não causava pavor, sendo na vida a única certeza. Uma rápida retomada à primeira estrofe do poema reafirma a possibilidade do pensamento suicida do autor – “Pesa-me a vida já... os desmaiados braços me pendura”. Apesar de seus desejos, o poeta lutava contra eles, vencendo-os cotidianamente: “Eu – que tenho pisado o colo altivo/De vária e muita dor;/Que tenho sempre das batalhas dela/Surgido vencedor”.<sup>25</sup>

Expressar seus sentimentos através de poemas poderia ser um mecanismo utilizado por Junqueira Freire para escapar de algo ainda mais trágico, a morte através do suicídio. No caso do poeta, um indício ainda mais forte do que essa possibilidade fazia parte do universo de idéias com que se identificava, é encontrado não apenas em algumas de suas produções de caráter nitidamente autobiográfica, mas também nas leituras que realizava, a exemplo de Pierre Jean de Béranger, um dos símbolos do romantismo popular francês. Nosso poeta traduziu um poema deste autor, que tem o sugestivo título de **O suicídio**. Neste, Béranger retrata o suicídio de dois jovens ocorrido em fevereiro de 1823. No entanto, é relevante apontar que no poema o autor esboça sentimento de perda pela morte dos jovens, mostrando o suicídio como “espanto dos humanos!”.<sup>26</sup>

Outro poeta baiano, não tão conhecido quanto Junqueira Freire, que retratou o suicídio em seus trabalhos foi Manoel Carigé Baraúna.<sup>27</sup> Nascido em 1823, era filho de pai homônimo, agricultor em Nazaré, cidade localizada no Recôncavo. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1845, defendendo uma tese sobre a gravidez extra-uterina, faleceu em 1851. Entretanto, a formação acadêmica não o atraiu

---

<sup>24</sup> FREIRE, Junqueira. **Desespero na solidão**: seleção poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Brasília: INL, 1976, p. 136-137.

<sup>25</sup> Ibid., p. 126-127.

<sup>26</sup> DÓRIA, Franklin. **Obras póstumas de L. J. Junqueira Freire**. 4 ed. Rio de Janeiro: H Garnier/Livro-Editor, 1868, p. 215-18. Tomo II.

<sup>27</sup> SALLES, David. **Primeiras manifestações da ficção na Bahia**. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 79.

tanto quanto a poesia, e foi por meio dela que se tornou mais conhecido.<sup>28</sup> No poema, também intitulado “O suicídio”, Baraúna resume algumas das concepções sobre tal forma de morrer. Nele, Carigé, como era mais conhecido, soube expressar tanto uma visão contrária ao suicídio quanto a do próprio suicida sobre o ato. O desespero e a desilusão diante da vida aparecem de forma clara nas primeiras estrofes:

Suspiras? Não eu choro. E o pranto? É sangue. E a vida? Lá se foi,/É toda morte, e a morte só procuro/A querida? ... Que importa?!.. E o futuro?/Futuro!!.. – é vão fantasma de esperanças –  
Entre a vida e morte eu vejo o Inferno;/Mas o Inferno não me quebra a laça/Que envenenada está:/A voz de Satanás não me amedronta;/E que vão o Céu e o Inferno aos mortos?!  
Esta vida!... Ai de nós! Sombras de enganos,/Cadêa que nos leva ao precipício,/Chimeras, ilusões,/Que só se extinguem com o accordar das trevas,/Que só se acabão com o jazer do corpo.<sup>29</sup>

Há muitas semelhanças entre estas estrofes do poema de Carigé, cuja intenção é mostrar os sentimentos do próprio suicida sobre a vida, e aqueles de Junqueira Freira já rapidamente analisadas, em especial do “Arranco da morte”. As ilusões, amarguras, escuridões e sofrimentos somente teriam fim com o jazer do corpo. Ponto de vista por sinal não apenas compartilhado pelos dois poetas, mas também por indivíduos que puseram fim às suas vidas. Este foi o caso de Timóteo, escravo alfabetizado que se matou em 1861, em Salvador, deixando uma carta explicando as razões daquela decisão. O que interessa neste momento é a sua concepção exposta no início e no fim da sua carta, a de que somente deveriam viver aqueles que não tivessem desgostos e que a sepultura seria melhor que a terra de vivos.<sup>30</sup>

Ao que parece, parte dos sofrimentos de Junqueira Freire tinha suas raízes em um amor não correspondido, como verificamos na terceira e na sexta estrofes dos poemas “O arranco da morte” e “Morte”, respectivamente. As desilusões amorosas também estiveram ligadas ao suicídio, e foram retratadas em alguns folhetins. Algumas dessas literaturas baianas chegaram às nossas mãos através da obras de Salles.<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> Cf. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

<sup>29</sup> APEB – Microfilmes. **O Crepúsculo**, 10 de março de 1866.

<sup>30</sup> APEB – Colonial e Provincial. **Correspondências Recebidas de Subdelegados**, maço 6234 (1861-62). Sobre este suicídio, recorrer também à BPEB. **Jornal da Bahia**, 19 de março de 1861.

<sup>31</sup> Infelizmente não nos foi possível investigar outros folhetins em razão das péssimas condições de uso em que se encontram os periódicos baianos oitocentistas localizados nos arquivos no Estado da Bahia, o que nos permite trabalhar apenas com os fornecidos pelo autor anteriormente citado.

Em 1850, frei Mariano de Santa Rosa de Lima publicou n’**O Ateneu** o folhetim **O legado da hora extrema**.<sup>32</sup> Nele frei Mariano conta a história de Porcina, uma jovem “rica em formosura e inocência”, “orfãzinha de pai”, e que ainda não havia “sido tocada pelo vendaval da impureza e do crime”. Porcina era uma donzela de vida simples. A choupana em que morava com sua mãe ficava situada “num recanto da estrada que, saindo da vila de Maragogipe”, situada no Recôncavo, levava os viajantes para a imensidão dos sertões baianos. Porcina vivia para sua mãe e para uma pombinha, “com quem repartia o amor – único – que no coração tinha, – o amor de sua mãe”.<sup>33</sup>

A vida pacata de Porcina foi alterada quando a ela chegaram palavras de sedução, falando de um outro amor que ainda desconhecia: “o fel da maldade, lhe foi ministrado na taça doirada dos afagos, e mísera acreditou, e... perdeu-se”. Porcina não mais ouvira as palavras de Fernando, seu sedutor, e a razão de suas desventuras. Fernando tinha desaparecido sem dar notícias. A jovem inocente e rica em formosura passou a revelar um ar distraído, pensativo e contrito. Os “brincos de donzela” e as “alegrias de moça” estavam para sempre esquecidos. Porcina “estava perdida, o rosto hediondo da desonra lhe estava em frente, tanto mais horrível, quanto estava abandonada, sozinha com ela e com sua desgraça”. A infeliz padecia muito e, “quando o coração sofre todos os demais sentimentos esmorecem, sofrem também!”. O final da história não poderia ser mais significativo. Porcina morre, legando ao padre, que lhe foi ministrar os últimos sacramentos, uma pomba, único bem que ainda lhe restava. A dor da perda acabou levando sua mãe para a terra dos justos. Os viajantes que por ali passassem veriam “os restos de uma cabana em ruínas e abandonada”.

Apesar de não haver uma referência explícita, é provável que Porcina tenha cometido suicídio. O método empregado, talvez indiretamente, pode ter sido a abstinência alimentar, falta de apetite em razão da melancolia e dos desgostos advindos dos desencantos amorosos. Outro indício que leva a pensar na hipótese de suicídio se deve ao seu arrependimento na hora da morte. Claro que aqui há uma ambigüidade, podendo esta atitude estar ligado à perda de sua virgidade, conseqüentemente a sua honra, mas também ter sido utilizada pelo autor de forma indireta para informar que Porcina teria posto fim a sua vida, pois se arrepender e pedir perdão eram ações aceitas

---

<sup>32</sup> Salles não informa em qual edição ou quais edições de **O Ateneu** foi publicado este folhetim.

<sup>33</sup> SALLES, David. **Primeiras manifestações da ficção na Bahia**. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 113-115.

pela Igreja para livrar o suicida de sanções morais e religiosas, como pode ser verificado no trecho das **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia** citado logo no início do texto. Se bem que para alguns nem mesmo o sinal de arrependimento era justificativa suficiente para garantir aos suicidas uma sepultura cristã. Além de considerar o suicídio como usurpação dos direitos divinos sobre a vida e a morte, o professor de medicina e conselheiro Monoel Ladislau de Aranha Dantas, em artigo intitulado **O suicídio**, publicado em 1849, afirmava ser ele um “crime de lesa Sociedade, crime enorme e irremediável, porque, ainda que dado o arrependimento, não se pode dar a emenda”.<sup>34</sup>

Ao escrever folhetim, frei Mariano pretendia mostrar aos seus leitores, em especial ao público feminino, os perigos de se deixar levar pelo amor. Este poderia causar diversos males, cujo mais grave era o suicídio. O tom moralista do autor não estava ligado apenas ao fato de ter sido um religioso, mas também a sua origem. Filho de família nobre e tradicional, frei Mariano nasceu em Salvador em 1824, recebendo o nome de Mariano Teixeira de Freitas, seu pai era Antônio Teixeira de Freitas, nada menos que o Barão de Itaparica, e sua mãe Rosa Teixeira de Freitas. Seu irmão, Augusto Teixeira de Freitas, foi o autor do primeiro anteprojeto de Código Civil do Império. Segundo Salles, frei Mariano foi, entre os literatos baianos, aquele que mais escreveu ficção.<sup>35</sup>

Porcina não foi a única a padecer dos desgostos de uma desilusão amorosa. Em **Emílio**, folhetim de autoria de Manoel de S. Caetano Pinto, escrito em 1846, as três personagens principais padecem na trama. Um dos protagonistas é Emílio, que dá nome à trama, jovem inconstante e volúvel, “cujo – amor borboleta – gosta de variar à proporção que lindas flores se lhe apresentam sucessivamente – tão fáceis em apaixonar-se, quanto em aborrecerem-se do objeto apenas libado”. Os outros dois são Fausta, donzela inocente, encantadora, de família rica, e seu irmão Tadeu, amigo, companheiro e honrado. Emílio, encantado com a beleza da jovem Fausta e visualizando nesta não apenas uma vítima de seus desejos sedutores, mas também uma possibilidade de voltar a possuir alguma fortuna, arma sua teia. Primeiro com a ajuda de Júlia, ex-escrava de sua família e agora mucama de Fausta – que ignorava tal situação –,

<sup>34</sup> APEB – Microfilmes. **O Crepúsculo**, 10 de janeiro de 1846.

<sup>35</sup> SALLES, David. **Primeiras manifestações da ficção na Bahia**. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 111.

depois com a falsa amizade que constrói com Tadeu, que o leva a frequentar a casa da sua vítima.<sup>36</sup>

Entre visitas, promessas e mentiras de Emílio, Fausta, em “um momento de fraqueza”, “perdeu-se para sempre” também pedendo sua virgindade. Após a descoberta do acontecido por parte de sua família, a nossa heroína “sente o horror, que inspira a sua existência, e lúgubres idéias envolvem a sua imaginação.” Todos na família tinham ficado desgostosos e raivosos com a traição do vil amigo. Emílio é obrigado por Tadeu a se casar. Mas Fausta pressentia algo de tenebroso no dia do casamento, o que realmente viria a acontecer. Após o enlace matrimonial, Emílio espera todos dormirem, arma-se com um punhal e golpeia seu cunhado, que sucumbe diante de tamanha expressão de ódio e vingança. Emílio, entregue ao desespero, enlouquece, e Fausta “consumida de desgostos” e pela melancolia padeceu.

Quais seriam as intenções de Caetano Pinto ao colocar que “lúgubres idéias” passaram pela imaginação de Fausta? Estaria ele se referindo indiretamente à idéia de suicídio? Não sabemos responder. O certo é que mais uma vez frases que falavam de amor tinham chegado aos ouvidos de uma jovem inocente, causando sua destruição e de sua família. O fato de seu autor, tal como frei Mariano, ser um religioso – tomou o hábito da Ordem de São Bento em 1839, ordenando-se em 1847 – contribuiu para o final infeliz e moralizador da história. O amor como causador de desventuras foi retratado em outros folhetins por escritores que não estavam ligados à religião por laços institucionais, tais como em **Eugênia e Júlia** do nosso poeta Manuel Carigé Baraúna, onde as protagonistas, assim como Porcina e Fausta, perdem a sua honra para um sedutor.<sup>37</sup>

Do ponto de vista dos amantes não correspondidos, rejeitados, abandonados ou afastados de seus amados, pensar em pôr fim à vida não era uma alternativa totalmente desprezada. Para alguns era melhor morrer a viver suportando as dores do coração. Pensar em suicídio após uma desilusão amorosa fazia parte tanto da ficção – é o que faz Machado de Assis em **Memórias Póstumas de Brás Cubas** no momento em que o protagonista está em alto mar se dirigindo a Portugal após ser separado de sua amada

---

<sup>36</sup> SALLES, David. **Primeiras manifestações da ficção na Bahia**. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 39-62.

<sup>37</sup> Sobre estas duas obras ver Ibid., p. 81-94; 95-110.



Marcela<sup>38</sup> –, quanto da vida real. As dores causadas pelo abandono sofrido da mulher amada, “uma ignobil meretriz”, fez com que Manoel Balduino Nunes Queiroz, residente no 1º distrito da freguesia de Amargosa, Recôncavo baiano, também ingerisse uma dose de veneno em 1870.<sup>39</sup>

Ao escrever folhetins, onde os protagonistas tinham finais trágicos, frei Mariano e seus contemporâneos estavam se contrapondo aos romances e poemas que enalteciam as paixões amorosas e a atração pela morte, combinação explosiva na opinião de muitos. Tais romances quebravam com uma tradição corrente dos casamentos ditados pela vontade patriarcal e pelos interesses políticos e econômicos. Os filhos, ao assumirem o amor como um caminho para a felicidade, estavam contestando a autoridade familiar, o que era nocivo aos valores familiares e assinalava uma mudança no comportamento dos jovens, uma afronta à moral e aos bons costumes da época. Isto era ainda mais grave nos casos das filhas, pois nelas residia uma parte importante da honra do grupo.<sup>40</sup>

Esta nova forma de relacionamento amoroso, muitas vezes, “chegava” ao conhecimento dos jovens por meio de outro tipo de literatura, a romântica. Aranha Dantas a via como perniciosa e causadora de consideráveis e infundáveis males. Para ele, romances e dramas modernos eram por um lado “compêndios de imoralidade, de infâmia e de horrores, e por outro, de homicídio, de *suicídio*, de prostituição, de adultério, de incesto, de propinação de veneno, e até de parricídio”.<sup>41</sup>

A concepção de que a leitura de romances que tratavam do amor romântico contribuía para a ocorrência de suicídio e para a dissolução da moral e dos bons costumes foi expressa também por frei Mariano. Em seu artigo, “Um mal horrível que se desenvolve no meio da população brasileira”, publicado em 1849, em **O Noticiador Catholico**, afirmava, baseado nas palavras de Madame de Staël,<sup>42</sup> que o trabalho era um

---

<sup>38</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: FTD, 1998.

<sup>39</sup> APEB – Colonial e Provincial. **Correspondências Recebidas de Delegados**, maço 6206 (1869-70).

<sup>40</sup> BILLACOIS, François. Fogueira barroca e brasas clássicas. In: CZECHOWSKY, Nicole. (Org.). **A honra**: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco. Tradução de Cláudia Cavalcante. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 52-153.

<sup>41</sup> APEB – Microfilmes. **O Crepúsculo**, 25 de dezembro de 1845. Destaque meu.

<sup>42</sup> Sobre Madame de Staël, que realizou um balanço sobre a morte voluntária no período pré-romântico, ver MINOIS, Georges. **História do suicídio**: a sociedade ocidental perante a morte voluntária. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1998. p. 339-342.

forte veículo para combater o suicídio, e por meio dele o leitor acharia “sempre motivos de destruir o raciocínio do autor de *Heloísa*”.<sup>43</sup> Frei Mariano estava se referindo à obra **A Nova Heloísa**, de Jean-Jacques Rousseau, que apresenta duas cartas sobre a morte voluntária, nas quais as personagens principais expõem opiniões a favor e contra o ato.

Segundo Georges Minois, os comentadores d’**A Nova Heloísa**, de modo geral, têm dado mais importância à carta de defesa, considerando Rousseau como defensor do suicídio, esquecendo-se da outra, contrária a este ato. A própria personagem defensora do suicídio não chega a cometê-lo. Dessa forma, no entender de Minois, “é inexacto dizer-se que Rousseau é o pai do suicídio romântico”.<sup>44</sup> Para Robert Darnton, **A Nova Heloísa** foi talvez “o maior *best-seller*” do Antigo Regime na França. A busca de exemplares ultrapassou tanto o fornecimento que os livreiros alugaram o livro por dia e até mesmo por hora. Homens de letras como Voltaire, por exemplo, achavam a obra sobrecarregada e o assunto desagradável. A mesma opinião não era expressa pelos leitores comuns, que escreviam constantemente para o autor, elogiando-o.<sup>45</sup>

A referência à obra de Rousseau feita por frei Mariano e a tradução do poema de Bérenger realizada por Junqueira Freire constituem evidências de que concepções filosóficas e românticas surgidas na Europa circulavam em solo baiano, servindo de argumento tanto para aqueles que defendiam que o indivíduo tinha direito de retirar a própria vida, quanto para aqueles que condenavam tal idéia. Todavia, conforme afirma Minois, o suicídio romântico estava mais presente nos livros do que na vida real. Falava-se “bastante na morte voluntária que, raramente, acontece e, quando são conhecidos os seus motivos, são muitas vezes menos intelectuais do que poderiam deixar crer as conversas de salão”.<sup>46</sup> Tanto o Romantismo quanto o suicídio filosófico passaram despercebidos pela maioria da população baiana, em sua maioria analfabeta. É sintomático o fato de não ter encontrado artigos que defendessem o direito do homem de dispor de sua vida como bem entendesse. Isso não exclui a possibilidade da

---

<sup>43</sup> APEB – Microfilmes. O Noticiador Catholico, 10 de março de 1849.

<sup>44</sup> MINOIS, Georges. **História do suicídio**: a sociedade acidental perante a morte voluntária. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Teorema, 1998, p. 331. Sobre suicídio e romantismo, ver também ALVAREZ, Alfred. **O deus selvagem**: um estudo do suicídio. Tradução de Sonia Moreira. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 201-211.

<sup>45</sup> DARNTON, Robert. Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica. In: \_\_\_\_\_. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 277-328.

<sup>46</sup> Ibid., p. 309.

existência dos mesmos, ou que mesmo que o tema fosse debatido nos espaços de sociabilidade baianos, até porque ataques à idéia do direito ao suicídio foram constantemente realizados nos textos moralistas e religiosos.

Outras personalidades baianas do século XIX eram da opinião de que as famílias deveriam vetar a leitura de certos tipos de literatura a suas filhas. O Dr. José Lino Coutinho, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia entre 1833-1836, aconselhava por cartas a D. Ildefonça Laura Cezar, mãe de sua filha Cora,<sup>47</sup> que entrava na “idade crítica” – treze ou quatorze anos, ou até mesmo antes, caracterizada por transformações não apenas de ordem física mas emocionais, favoráveis a fantasias e paixões amorosas – que proibisse

A leitura de todos os romances amatórios, versos, e musica de semelhante natureza e índole, he deve ser vedada, porque tais composições, pintando o amor com vivas e brilhantes cores, como origem infável de gozos e prazeres, arroja o belo sexo em um pélagos de infortúnios e desgraças: *são estas terríveis obras que pintando o homem e o amante como um anjo, e colocando a felicidade nos seus braços, perde a maior parte das mulheres quando, por assim dizer, seduzidas se entregam todas ao amor, porque depois só encontram seres defeituosos e fracos que as abandonam, ou, pelo menos não correspondem ao justo a idéia que deles haviam feito.*<sup>48</sup>

Para Lino Coutinho a leitura dos romances “amatórios”, que serviu de inspiração para o título deste texto, deveria ser substituída por “leituras honestas e abundantes em máximas de moral, de virtude publica e privada.” Muitos anos depois, baseado na teoria da imitação, o dr. Antonio de Paiva Sarmiento, em 1919, expressaria opinião semelhante, chegando mesmo a afirmar que tais escritos não deveriam ser publicados para evitar que fossem lidos.<sup>49</sup>

Peço permissão para retornar aos dramas dos folhetins narrados anteriormente. O trecho grifado da citação acima se enquadra perfeitamente em **O Legado da Hora Extrema** e em **Emílio**. Fernando e Emílio se apresentam como anjos à Porcina e Fausto, respectivamente, colocando a felicidade nos braços das jovens. Estas se

<sup>47</sup> Sobre Cora e sua mãe, Ildefonça Laura Cezar ler REIS, Adriana Dantas. **Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX**. Salvador: FCJA, Centro de Estudos Baianos da Ufba, 2000.

<sup>48</sup> BPEB (Biblioteca Pública da Bahia). COUTINHO, José Lino. **Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um catecismo moral, político, e religioso**. Publicado por João Gualberto de Passos. Bahia: Typographia de Carlos Poggette, 1849. Destaques meus.

<sup>49</sup> MMB; SARMENTO, Antonio de Paiva. **O suicídio na Bahia**. Bahia: Imprensa Official do Estado, 1919, p. 48.

deixaram encantar pelo amor e foram seduzidas e desonradas. Fica mais claro agora qual o temor do pai Lino Coutinho. Temia ver sua Cora se transformar em uma Porcina ou em uma Fausta. Fica a especulação. Teria Cora ou mesmo o Dr. Lino Coutinho lido alguns destes folhetins? É provável que sim.

Não somente as mulheres sofriam de desgostos amorosos, como sugerem os folhetins, ou mesmo estavam ameaçadas pelas leituras dos romances “amatóricos”. As paixões e estas leituras também estavam ao alcance do sexo forte e racional, e podiam causar-lhe os mesmos males. Em 1862, na cidade de Valença, Marcelino José da Silva Junior, branco, 25 anos de idade, casado, guarda-livros da casa comercial de Lydio Augusto dos Santos Affonso, seu primo, cometeu suicídio. Segundo informações de pessoas que estavam a prostrar com Marcelino momentos antes da tragédia, na tarde do dia 23 de abril, este se dirigiu a uma sala contígua à loja e, em seguida, disparou um tiro na têmpora direita, falecendo horas depois. No relatório ao Presidente da Província, o delegado informou que Marcelino tinha pedido em casamento a filha de um comerciante daquela praça, obtendo a permissão. A partir daquele dia, uma “tristeza invencível” apoderou-se do jovem que fez os últimos acertos de contas de sua fortuna. Logo em seguida, escreveu a todos seus amigos, inclusive seu primo, ao qual informou que “um mistério insondável o havia levado a praticar tal ato, asseverando o mesmo a seu próprio pai a quem pedia perdão, e a benção extrema.” Segundo o mesmo delegado o suicida “tinha por hábito a leitura de romances, era poeta, de uma fisionomia momentaneamente alegre, moreno, olhos e cabelos negros, e dado a conquistas amorosas”.<sup>50</sup>

Por que o relatório do Chefe de Polícia deu destaque para a leitura de romances? Seria Marcelino leitor de Roussau, Bérenger, ou dos poetas e escritores românticos? Informação que infelizmente não podemos confirmar. O fato de ser dado à leitura de romances e poesia era considerado algo que tornava Marcelino mais propenso a matar-se, além de tais atributos lhe conferirem de uma certa feminilização, já que esses hábitos eram característicos de mulheres. Foi contra situações semelhantes a estas que se levantaram as penas dos moralistas religiosos, defensores dos costumes e das tradições familiares.

Os comentários em torno do suicídio não se restringiriam apenas à leitura de romances e aos sentimentos amorosos. Tampouco as razões para os casos ocorridos na

---

<sup>50</sup> APEB – Colonial e Provincial. **Chefe de Polícia**, maço 2954 (1860-62).

Bahia durante a segunda metade de século XIX seriam resultantes dos males advindos das paixões. Como se observou, os médicos também tiveram uma participação ativa neste processo de construção da imagem do suicídio e do suicida. Assim como os moralistas e religiosos, o poder científico punha parte da culpa pela ocorrência de tal mal na civilização. Esta seria a responsável pelo “mundanismo devasso”, como afirmou o dr. Sarmiento,<sup>51</sup> pela instabilidade e desejos que podiam conduzir o homem ao suicídio.

Mas nem todos estavam convencidos da influência perniciosa da civilização, e por ilação, da literatura romântica. O Dr. Jerônimo Sodré Pereira se incluía entre os que discordavam de seus efeitos devastadores. Em sua tese **Qual a influencia da civilização sobre o desenvolvimento das moléstias nervosas?**, afirmou crer que “a civilização não influe na produção das moléstias nervosas, ao contrário, de acordo com a higiene cura muitas delas, e previne outra.” Para Dr. Pereira, não era a civilização a responsável por ser o homem um ser pensante, pois “todas as suas faculdades são desenvolvidas pelo sopro benéfico dos meios civilizados”. Então, segundo ele, onde residiria a culpa pelas afecções nervosas e, podemos pensar, conseqüentemente pelo suicídio? A responsável seria a ausência de uma adequada educação moral, física e intelectual.<sup>52</sup> A defesa da civilização e o ataque à má educação feitos por este doutor estavam respaldados pela sua ascendência. Era neto de Lino Coutinho, o mesmo que havia atacado a leitura de romances “amatórios”, defendendo em contrapartida a de romances que enalteciam a educação honesta. Seu pai era Francisco Pereira Sodré, próspero lavrador que em 1876 receberia o título de Barão de Alagoinhas e sua mãe era nada mais nada menos que Cora Coutinho Sodré, que pelo visto soube transmitir os ensinamentos do avô ao neto.

---

<sup>51</sup> MMB; SARMENTO, Antonio de Paiva. **O suicídio na Bahia**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1919, p. 48.

<sup>52</sup> BPEB; PEREIRA, Jerônimo Sodré. **Qual a influência da civilização sobre o desenvolvimento das moléstias nervosas?** Bahia: Typographia do Diário, 1861, p. 26-27.